

O USO DOS TELEFONES MÓVEIS NO COTIDIANO ESCOLAR: UM ESTUDO DE CASO SOB O OLHAR DA SUPERVISÃO PEDAGÓGICA DO TURNO DA TARDE DO COLÉGIO SÃO FRANCISCO XAVIER (ABAETETUBA/PA)

*THE USE OF MOBILE PHONES
IN SCHOOL DAILY LIFE: A CASE
STUDY UNDER THE VIEW OF THE
PEDAGOGICAL SUPERVISION OF
THE AFTERNOON SHIFT AT THE
SCHOOL 'SÃO FRANCISCO XAVIER'
(ABAETETUBA/PA)*

Laércio Farias da Costa 1

Josiel do Rego Vilhena 2

Resumo: Este trabalho objetiva analisar as interferências do uso dos telefones móveis junto aos alunos do ensino médio a partir dos depoimentos da supervisão pedagógica do turno da tarde do colégio São Francisco Xavier, localizado na cidade de Abaetetuba, estado do Pará. Apresentamos como metodologia o estudo de caso em uma abordagem qualitativa e como técnica a entrevista com perguntas semiestruturadas. Neste sentido, destacamos como aporte teórico Yin (2001); Hobsbawm (2010); kenski (2008); Assmann (2007); Lévy (1999); Alves (2009) e outros colaboradores atrelados aos teóricos base. Assim, a pesquisa aponta que os estudantes são influenciados, em certa medida, pela utilização destas ferramentas, o que acaba por desenvolver comportamentos e patologias que superam as competências escolares e sugerem a atuação de outros profissionais. Logo, sinalizamos ainda a necessidade do desenvolvimento e efetividade de políticas que forneçam estrutura às escolas e formação continuada junto aos profissionais da educação e demais servidores que interagem cotidianamente com os estudantes na Instituição de ensino.

Palavras chave: Educação. Formação. Docente. Tecnologia.

Abstract: This work aims to analyze the interference of the use of mobile phones with high school students from the testimonies of the pedagogical supervision of the afternoon shift at São Francisco Xavier College, located in the city of Abaetetuba, Pará. We present as a methodology the case study in a qualitative approach and as a technique the questionnaire with semi-structured questions. In this sense, we highlight as theoretical contribution Yin (2001); Hobsbawm (2010); kenski (2008); Assmann (2007); Lévy (1999); Alves (2009) and other collaborators linked to the base theorists. In this way, the research shows that students are influenced, to a certain extent, by the use of these tools, which ends up developing behaviors and pathologies that surpass school skills and suggest the performance of other professionals. Therefore, we also point out the need for the development and effectiveness of policies that provide structure to schools and continuing education with education professionals and other servers who interact daily with students in the educational institution.

Keywords: Education. Formation. Teacher. Technology.

Mestre em Educação e Cultura (UFPA), Universidade Federal do Pará. 1
Lattes: <http://lattes.cnpq.br/8626360942243438>.
ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-3414-4654>.
E-mail: laerciofariasc@gmail.com

Doutor em Desenvolvimento Socioambiental pelo Núcleo de Altos 2
Estudos Amazônicos, Universidade Federal do Pará. Lattes: <http://lattes.cnpq.br/2917003283484425>. ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-5962-1141>.
E-mail: josiel.vilhena@ifpa.edu.br

Introdução

A sociedade contemporânea está submersa por uma multiplicidade de símbolos e instrumentos de base tecnológica, fenômenos que interferem em novas formas societárias de convivência. Assim, esta nova representação passou a ser inserida nos espaços que atendem as demandas sociais. Logo, como não poderia ser diferente, a educação enquanto fator elementar no processo formativo do sujeito passa a sofrer influência destas ferramentas, abrindo oportunidade para integrar, enriquecer e expandir os materiais didáticos, apresentando novas maneiras de interação e construção do processo de ensino-aprendizagem.

Com o engendramento destes instrumentos na estruturação social, surge então uma nova sociedade que passou a ser reconhecida como a Sociedade da Informação (ASSMANN, 1999). Destarte, a partir das deliberações que encaminham as formas societárias de convivência, as Tecnologias da Informação e Comunicação (TIC)¹ são gradativamente incorporadas nos espaços sociais através da abertura dos horizontes oferecidos pela dinâmica de tal paradigma (KENSKI, 2008).

A forma, em certa medida, abrupta da inserção das Tecnologias da Informação e Comunicação no ambiente escolar suscitou algumas polêmicas acerca da configuração a qual são submetidas. Acostumados a vislumbrar as ferramentas em ambientes específicos através de sua utilização restrita a espaços administrativos ou na formatação de uma avaliação ou simulado a ser impresso. A ressignificação das TIC coloca um grande desafio à educação, que seria a necessidade de repensar seus fundamentos e recriar métodos e aportes científicos fundamentais para a formação de indivíduos competentes, capacitados para lidar com as características históricas, sociais e políticas da sociedade contemporânea.

Mesmo em frente aos avanços das TIC, o ambiente escolar parece, em certa medida, resistente quanto ao diálogo com esta nova representação social (ASSMANN, 1999). O estranhamento dos sujeitos que mediam o processo de ensino-aprendizagem acaba por comprometer pedagogicamente a inserção dos alunos numa sociedade altamente competitiva e complexa, que exige tais habilidades dos indivíduos.

Assim, partimos da premissa que as novas gerações vivem hoje uma realidade em que as TIC junto aos seus códigos e signos engendram seus espaços de sociabilidade (KENSKI, 2008). Logo, como em tantas outras áreas de atuação humana impactadas pelas Tecnologias da Informação e Comunicação, também na educação temos o desafio de compreender e utilizar organicamente estes instrumentos de forma socialmente referenciada e inteligentemente criativa (CASTELLS, 1999).

Desta forma, esta pesquisa busca conhecer os impactos promovidos pelas novas tecnologias, com destaque para os telefones móveis, ao adentrar o colégio São Francisco Xavier (Abaetetuba/PA); e, por meio dos depoimentos da supervisão pedagógica, entender a influência dos telefones móveis entre os alunos do ensino médio do turno da tarde da Instituição supracitada.

Neste sentido, o trabalho anuncia como pergunta problema de investigação: Qual a relação das novas tecnologias e a construção do perfil do aluno da educação básica? Esta indagação corrobora para sinalizar nossos demais elementos norteadores ao desvelar alguns fenômenos que implicam as interferências destas novas ferramentas na educação básica.

Logo, metodologicamente buscamos empreender uma abordagem qualitativa, por inclinarmos nossa observação para as formas de sociabilidade do local e de seus sujeitos por meio da aproximação com a supervisão Pedagógica da escola, utilizando como parâmetro os eventos registrados no cotidiano escolar, com atenção para a influência do uso dos telefones móveis na construção do perfil dos estudantes. Estes fatores determinaram o tipo de pesquisa realizada neste contexto, caracterizando um estudo de caso, o qual Segundo Yin (2001), representa uma investigação empírica e compreende um método abrangente, com a lógica do planejamento, da coleta e da análise de dados. Pode incluir tanto estudos de caso único quanto de múltiplos, assim como abordagens quantitativas e qualitativas de pesquisa. No que se refere à

¹ TIC é a convergência de várias tecnologias digitais como: vídeos, softwares, aplicativos, smartphones, imagens, jogos virtuais e afins que se unem para compor novas tecnologias ampliando as possibilidades de comunicabilidade de seus usuários em um ambiente virtual (KENSKI, 2008).

nossa pesquisa, usaremos um único caso, municiados pela métrica desta metodologia.

Usaremos como técnica de pesquisa a entrevistas através da aplicação de um roteiro flexivo com perguntas semiestruturadas, proporcionando liberdade ao sujeito pesquisado. Esta técnica foi escolhida por compreendermos que tanto na entrevista com questões abertas ou fechadas, temos a possibilidade da utilização de recursos visuais, como cartões, fotografias, o que pode deixar o entrevistado à vontade ao fazê-lo lembrar de fatos, o que não seria possível na aplicação de um questionário.

O Lócus e os Sujeitos da Pesquisa

Em dialogo com a Supervisora Pedagógica do turno da tarde do referido colégio, a senhora Lúcia, obtivemos alguns dados específicos quantitativos sobre o suporte que é alocado pela Instituição de Ensino. A escola possui 01 (um) laboratório de informática, 25 (vinte e cinco) computadores; Sala multifuncional, Biblioteca com 04 (quatro) computadores; 27 (vinte e sete) salas, onde 10 (dez) delas possui data shows e 05 (cinco) data shows avulso para agendamento. Quanto a demanda de estudantes, a escola possui 1906 (mil novecentos e seis) alunos, destes 995 (novecentos e noventa e cinco) estão no ensino médio; 911 (novecentos e onze) no ensino fundamental; 96 (noventa e seis) docentes e outros 39 (trinta e nove) funcionários que corroboram para o funcionamento da Instituição.

Desta forma, compreendemos que para elucidar e trafegar pelos objetivos do trabalho, precisamos dialogar com a coordenadora pedagógica do colégio a qual estaria apta a nos informar sobre as demandas acadêmicas, relações interpessoais e principais ocorrências dentro do estabelecimento de ensino e, que, refletem a dinâmica social de seus sujeitos. Assim, as falas sistematizadas dentro de um roteiro flexivo com perguntas semiestruturadas que compreenda a temática abordada, sugerimos que consiga abarcar situações e fatos diferenciados, de modo a contribuir com as reflexões propostas pela pesquisa.

O uso dos telefones móveis e o perfil dos educandos

Entendemos que o papel desempenhado pelos telefones móveis na comunicação humana foi revolucionário desde seu surgimento, quando as pessoas puderam, pela primeira vez na história, se comunicar por voz, a distancia, estando em qualquer lugar do mundo, ou seja, em mobilidade. Na sociedade contemporânea, com o avanço dos meios de comunicação por meio das revoluções industriais e tecnológicas (HOBBSAWM, 2010) os aplicativos de relacionamento seriam, portanto, justamente aqueles que permitem algum tipo de relacionamento social, principalmente representado pelos aplicativos de redes sociais (KENSKI, 2008). Dentre estes aplicativos de redes sociais, destacamos dois, *WhatsApp* e *Facebook*, também de acordo com dados da pesquisa *Mobile Report*, devido a sua grande aceitação em termos de número de usuários e popularidade. Portanto, podemos afirmar que estes dispositivos funcionam como catalisadores de mudanças sociais específicas e condicionadas pelas mais diversas formas de mídias sociais, que, em alguns casos, já ocorriam antes mesmo de seu surgimento, nos sites de redes sociais. Assim, compreendemos que as novas tecnologias antes de se institucionalizarem nos espaços educativos já fazem parte do cotidiano dos educandos sendo utilizadas das formas mais variadas com ou sem direcionamentos pedagógicos (LÉVY, 1999; 2017).

Desta forma, para Kenski (2008) a escola é uma instituição social que tem importância fundamental em todos os momentos de mudanças na sociedade. A autora ressalta que na atual proposta de ensino, a escola é a Instituição de maior importância. É ali que formamos os quadros de profissionais que, mais do que dar vida, continuidade e inovação a produção, irão formar um exército de usuários para o consumo de bens e serviços da informação. A atual conjuntura de desenvolvimento, enquanto representação de ascensão social sócio cognitivo é necessário que o estudante tenha o fundamento das noções elementares da utilização dos novos meios tecnológicos.

É importante pontuarmos nesta reflexão a contribuição das teorias da aprendizagem para a compreensão da construção do sujeito. Sinalizamos o Construtivismo que conta como

principais expoentes Piaget e Vygotsky. Com a concepção direcionada através do construtivismo interacionista é possível compreender que a proposta defendia a tese de que o aprendiz compreende o mundo através da sua percepção, construindo significados para este mundo, porém sua construção deve ser individual e indiferente aos movimentos que o permeia.

Acreditava que a aprendizagem acontecia por etapas que estavam diretamente ligadas ao desenvolvimento mental da cada estudante. Ela estava centrada no desenvolvimento individual do sujeito, cada estudante deveria construir seu próprio conhecimento, sem levar em conta o contexto histórico social. (ALVES, 2009).

Assim, inserimos que como uma lapidação da teoria construtivismo interacionista, surge do construtivismo Sócio-interacionista, o qual tem como cerne a interação entre os indivíduos, na contramão de Piaget (1978), Vygotsky (1989) defendia a tese de que no processo de aprendizagem para além da interação entre educador e educando, deve-se considerar a relação com os demais indivíduos que permeiam o sujeito aprendiz. Nesta perspectiva a inteligência humana é constituída através de ferramentas culturais, tais como a linguagem, instrumentos de interação social, que são o legado das gerações passadas intercambiadas com construções contemporâneas e, portanto, só pode ser compreendida a partir de uma perspectiva sócio-histórica da cognição.

Em paralelo ao construtivismo interacionista passam a surgir sistemas computacionais. (Alves, 1999) sublinha a inserção de sistemas computacionais como a inteligência artificial e o sistema de acesso a informação não-linear (hipertextos) surgiram, permitindo formas diversas de buscar informações e construir conhecimentos mais adaptáveis às características cognitivas dos alunos

Desta forma, a associação entre educação e tecnologia foi trabalhada por Papert (1985) denominou de construcionista. Como forma de oficializar a relação educação e tecnologia foi desenvolvida a teoria que insira o computador no ambiente escolar e possibilitou o delinear de nossas práticas pedagógicas envolvendo as novas tecnologias reconhecendo os novos instrumentos como facilitadores da construção do conhecimento e para o desenvolvimento do estudante.

Nesse sentido, a pesquisa nos direciona para um viés de análise que nos questiona quais os reais impactos das novas tecnologias, em específico do aparelho celular, na personalidade dos seres aprendentes (aluno/as). O questionamento se deu em frente aos relatos da coordenação pedagógica sobre as dificuldades de controle do uso dos telefones móveis em sala de aula, requerendo a formalização de um item no regulamento do colégio coibindo o uso destas ferramentas durante o processo educativo. Ora, a geração “Z” - nascidos entre 1995/2010 - (TAVARES; SCOTON, 2014) coloca-se na sociedade contemporânea como os nativos digitais com características específicas, o que demanda que as instituições sejam adaptadas para um intercâmbio cultural por meio da ressignificação de seus movimentos para interagir e entender quais impactos o uso destas ferramentas vem ocasionando neste público. Assim, ao fazermos esse questionamento à supervisora pedagógica do colégio, obtivemos a seguinte fala:

Se formos comparar o perfil dos estudantes de uma década atrás, nós vamos perceber as mudanças ocorridas em grande parte por conta das novas tecnologias. Nós tivemos o caso do filho de uma professora que era aluno e que abandonou os estudos porque houve um dia que ele esteve preste a se jogar de cima a baixo do segundo andar do prédio da escola, ele já havia sido encaminhado para o psicólogo, os pais haviam se separado há pouco tempo e ele é um rapaz extremamente inteligente e usuário excessivo da internet. Ele criou aversão pela escola e igreja, ele criou o hábito de chamar as pessoas de tóxicas. Ele disse “esse governo aí é tóxico, ele veio acabar com o povo”. Ele teve essa leitura, então ele ia fazer uso de medicação pesada e parou de estudar, já estava no último

ano. Ele chamava os colegas de falsos e hipócritas, então eu disse para ele que “você vai se matar? Você não pode usar sua inteligência para contribuir para uma sociedade melhor?”. Temos alunos que passam por traumas de infância e se fecham na internet, alunos que já foram violentadas e tentam se matar. (Professora Lúcia, em 26 de junho de 2019).

Destarte, a escola e seus processos de formação necessitam reconhecer os elementos que são constitutivos do perfil de seu alunado. Logo, para além da equação simplista do aprender como dialoga o autor Assmann (1999) no sentido limitador e restrito a mera assimilação do conteúdo para fins memorialístico temporal com o intuito de obter um rendimento satisfatório em uma disciplina. A escola enquanto espaço de formação necessita trazer consigo um currículo problematizador, que dialogue não no sentido de oportunizar o simples contato do aluno com as novas tecnologias, mas contextualizar este saber, compreendendo o “nicho vital” do estudante; e, por conseguinte, a sensibilidade solidária ao se comprometer com o coletivo e promover uma formação holística para o saber diverso.

Desta forma, os impactos provenientes do uso destas ferramentas alcançam uma configuração perigosa ao não serem dirigidos pedagogicamente. Como dialoga a professora Lúcia “Exemplo, um dia chegou para a gente a informação de que um grupo de alunos estava articulando com um grupo de assaltantes através de um *site*, então, tudo aquilo que a sociedade proíbe, chama a atenção e pode motivar”.

Assim, observamos que o uso dos telefones móveis e outras ferramentas tecnológicas influenciam efetivamente no comportamento dos estudantes, o que aponta a necessidade de uma atenção especial para esse fenômeno como disserta nossa entrevistada:

Então, como a escola não trabalha como deveria as formas de utilização desta ferramenta, a gente procura elaborar rodas de conversa para trabalhar a importância do celular, da internet nas nossas vidas desde que sejam utilizadas de forma correta, para o seu crescimento profissional, pessoal (...) Só que infelizmente não conseguimos abarcar todos. (Professora Lúcia, em 26 de junho de 2019).

Neste sentido, (KENSKI, 2008, p.64) nos alerta para a reflexão sobre a real função da escola na atualidade, destacando suas demandas emergentes:

Em um mundo em constante mudança a educação escolar tem de ser mais do que uma mera assimilação certificada de saberes, muito mais do que treinar consumidores ou treinar pessoas para a utilização das tecnologias de informação e comunicação. A escola precisa assumir o papel de formar cidadãos para a complexidade do mundo e dos desafios que ele propõe. Preparar cidadãos conscientes, para analisar criticamente o excesso de informações e a mudança, a fim de lidar com as inovações e as transformações sucessivas dos conhecimentos em todas as áreas.

As Novas Tecnologias: Desafios no cotidiano escolar

De acordo com os dados levantados, buscaremos nesta seção debucçar nossos esforços para elencar quais desafios para o uso das novas tecnologias são encontrados no cotidiano escolar.

Neste sentido, procuramos amadurecer os debates e depurar as principais demandas que surgem no ambiente escolar e que se colocam como desafios para o uso das novas tecnologias na Instituição de ensino. Neste aspecto a nossa entrevistada aponta:

Nós estamos vivenciando momentos inéditos na Escola. Crianças e adolescente estão passando por problemas de

saúde mental e que é recorrente entre eles a utilização excessiva dos telefones celulares e redes sociais. Influência o comportamento, relações interpessoais, eles começam a imitar os personagens do bem ou do mal que eles observam nas redes. (Professora Lúcia, em 26 de junho de 2019).

Logo, identificamos que existem ocorrências que necessitam ser vistas com mais atenção pela escola e pelo poder público, pois ultrapassam demandas específicas do ambiente escolar e compreendem a competência de outros profissionais como psicólogos, assistentes sociais e outros profissionais que possuam em seu escopo a capacitação para lidar com problemas desta natureza.

Compreendemos que a interação dos jovens e adolescentes com um mundo que se abre ao ter acesso à internet sem restrição de conteúdo passa a se tornar um elemento perigoso para estes sujeitos que estão em fase de maturação e construção seu próprio perfil social (MORAN, 2000). Desta forma, a tentativa de reproduzir perfis e comportamentos vislumbrados no ciberespaço (LÉVY, 1999) constitui um perigoso fator que corrobora para atitudes que eventualmente transgrida normas sociais, e, por conseguinte traga prejuízos na constituição do sujeito e em suas relações de sociabilidade.

Assim, destacamos que, na escola, na maioria das vezes, os professores e alunos usam preferencialmente a fala como recurso para interagir, ensinar e verificar a aprendizagem, na grande maioria das vezes o aluno é o que menos fala, configurando um diálogo unilateral, ou como nomeado por Paulo Freire (1996) “educação bancária” a qual o professor assume o papel de mero depositador de conhecimento disciplinar e o aluno receptor.

Neste cenário, o uso das TIC está configurado com o papel de transmissão de conteúdos pré-estabelecidos para ser internalizado pelos estudantes em um processo memorialístico. Destarte, alterar esta realidade necessita investir em processos de formação continuada dos professores, para isto, precisa-se enfrentar alguns desafios na escola básica como afirma nossa entrevistada:

A escola tem um sistema informatizado, que foi comprado, temos uma rede que tem conexão com a secretaria, gestão e professores. Cada setor cuida de suas competências dentro desse sistema, os professores acompanham a pasta acadêmico que está o assentamento do aluno. Mas nós temos uma formação muito frágil, já foram oferecidas algumas formações, muito esporádicas. A SEDUC mudou o sistema de diário de classe, porém trouxeram uma formação insuficiente, poucas horas e não foi aprofundado, não teve continuidade, e fica uma série de dúvidas. Temos professores que não conseguem nem ligar data show, dificuldades simples, Eu lembro que logo quando chegaram os computadores a SEDUC mandou uma formação para usar programas educacionais, mas foi só uma formação, não consolidou a prática, precisava de mais carga horária. (Professora Lúcia, em 26 de junho de 2019).

É compreensível que grande parte dos desafios enfrentados hoje pelas representações tecnológicas e a sua inserção no espaço escolar, deve-se ao fato de que os professores que hoje lecionam foram formados em uma era “pré-digital” logo, são imigrantes digitais (TAVARES; SCOTON, 2014), não refletem em sua didática algo que não fez parte de seu processo formativo de base, mesmo compreendendo que a formação docente deve ser uma atividade constante atribuída ao professor e subsidiada pelo estado. O autor (ASSMANN, 2007) conceitua este impasse de “brecha epistemológica”, o fato de o profissional não reconhecer uma determinada representação em decorrência de ela não ter feito parte de seu processo formativo, e, por conseguinte, este desenvolve certa resistência em incorporar esta nova ferramenta como instrumento metodológico do processo de ensino-aprendizagem. O autor ainda disserta sobre os entraves encontrados para a interação dos sujeitos com as novas ferramentas sociais:

Não sairemos desses impasses enquanto continuarmos apegados a uma visão dual do mundo e da vida [...] Existe uma espécie de brecha epistemológica – não só de difícil superação, mas quase impossível de ser problematizada dentro do pensamento moderno [...] As teorias sociais têm muita dificuldade, até hoje, para cobrir a brecha epistemológica entre estrutura social e mudança social.

A fragilidade na formação docente acaba por engessar a didática do professor em métodos rústicos e tradicionais (KENSKI, 2008), imobilizados por uma estagnação representativa que não se sensibiliza pelo novo e não se abre a novas alternativas que por ventura podem contribuir significativamente para a emancipação cognitiva e social do alunado.

Apesar de estarmos no século XXI, a observação do cotidiano em muitas salas de aula assemelha-se bastante ao de tempos mais remotos. Mesmo tendo em conta a proliferação das mídias eletrônicas e métodos de ensino alternativos o método expositivo, verbalista mantém-se dominante, obrigando os alunos a tomar notas e a ouvirem atentamente o professor. (ALVES, 2009, p. 40).

Desta forma, para compreender e instaurar uma nova representação dos processos formativos do professorado é necessário ter clareza do fazer autônomo das Instituições educacionais, sejam elas a nível básico ou superior, e que o processo requer um fazer reflexivo para além do mecânico, caminhar para si, refletir sobre suas práticas. Nesta perspectiva (NÓVOA, 1999, p.26) o qual diz que:

Eu quero professores que não se limitem a imitar outros professores, mas que se comprometam (e reflectam) na educação das crianças numa nova sociedade; professores que fazem parte de um sistema que os valoriza e lhes fornece os recursos e os apoios necessários à sua formação e desenvolvimento; professores que não são apenas técnicos, mas também criadores.

Logo, a formação continuada do docente é um processo cumulativo, o qual deve obrigatoriamente respeitar o tempo do professor e fazer sempre o movimento de “caminhar para si” no sentido de exercer a atividade de rememoração de sua prática, usando sempre como parâmetro suas atribuições enquanto docente. Porém, como identificamos na fala de nossa entrevistada, ocorre certa negligência por parte dos órgãos competentes, no sentido de darem os subsídios necessários de formação contínua e específica para esta temática.

Seguindo nesta reflexão, ressaltamos que, para além das formações é necessário um suporte estrutural junto aos espaços do colégio, alocando equipamentos que contemplem o número de alunos, bem como os serviços de internet necessários para as atividades (KENSKI, 2008).

Identificamos também a importância de estender o diálogo junto às famílias no sentido do direcionamento do uso das ferramentas tecnológicas. Assim, esta pauta de destaca quando a nossa entrevistada registra a ocorrência do desnorтеio de familiares que comparecem no colégio sem maiores direcionamentos de atitudes que podem ser tomadas junto ao comportamento dos filhos:

Percebemos que os pais chegam com a coordenação e dizem que não tem mais o que fazer, nós nos preocupamos, por que assim como a Escola tem seu papel, a família também tem na educação dos filhos. Então nós tentamos fazer uma orientação com os pais nessas circunstâncias, mas não podemos sobrecarregar com tarefas que não nos cabe. (Professora Lúcia, em 26 de junho de 2019).

Em vista disso, é importante a parceria entre Família e Escola, visto que cada uma apresenta valores e objetivos próprios no que se refere à educação do sujeito. O autor Garcia (2006) aponta que:

A parceria entre a família e a escola é de suma importância para o sucesso no desenvolvimento intelectual, moral e na formação do indivíduo na faixa etária escolar. Afinal, por que até hoje em pleno século XXI a escola reclama da pouca ou insignificante participação da família na escola, na vida escolar de seus filhos? Seria uma confusão de papéis? Onde estaria escondido o ponto central desse dilema que se arrastam anos e anos? (GARCIA, 2006, p. 12)

Desta forma, devemos destacar os esforços empreendidos pelo ambiente escolar com o intuito de vislumbrar as demandas que vão surgindo na prática educativa; e, de acordo com as suas limitações vem forjando as parcerias, buscando os espaços e debatendo o tema junto aos alunos de modo a preencher parcialmente as lacunas abertas, como afirma a supervisora Pedagógica:

Nós fazemos ciclos de formações na aula inaugural no auditório. Já tivemos técnicos da URE trabalhando riscos e prevenções quanto ao uso das novas tecnologias, mas reconhecemos que não são suficientes. Nós criamos uma cartilha própria com direitos e deveres dos alunos, resoluções sobre porque a proibição do uso dos telefones móveis. Então a gente passa essas orientações para todos os alunos, partes do PPP. Ai eles já ficam cientes sobre nossas normas, princípios e reflexões. Precisamos ter as formações para os nossos professores para sabermos como planejar nossas atividades utilizando esses recursos, alguns sabem, mas não usam, a gente sabe que tudo que é novo é desafio, alguns alegam a questão do trabalho, quantidade de alunos fica difícil acompanhar todos para ter o controle, isso impede de usar os equipamentos, a carga horária do professor é um trabalho extenuante, registro, avaliação, produção que tem que acontecer e não possibilita o uso dos telefones. (Professora Lúcia, em 26 de junho de 2019).

Assim, para além da mera culpabilização dos profissionais da educação, nossas reflexões giram entorno de uma visão holística acerca da gerência ideológica política e da estrutura em que se encontram o desenho curricular das licenciaturas e a dinâmica das representações sociais e tecnológicas. Temos que compreender a lógica do estado e seu processo administrativo que se mostra frágil para subsidiar de forma efetiva os agentes educacionais e dar o aporte necessário ao ambiente escolar que consiga efetivar e orientar pedagogicamente o uso de tais ferramentas. Da mesma forma que entendemos a necessidade de uma predisposição destes agentes para articulação, formação e execução de práticas inovadoras e dialogue com as necessidades advindas da Sociedade da Comunicação e Informação.

Considerações Finais

Este tópico visa refletir sobre as pautas centrais diagnosticadas no decorrer do trabalho, bem como elucidar as informações que suscitaram nas entrelinhas das entrevistas; e, que foi possível serem compreendidas por meio do suporte teórico a partir das referências bibliográficas utilizadas como técnica elementar de pesquisa.

É bem verdade que o avanço das novas tecnologias é um fato irreversível na sociedade contemporânea. Da mesma forma que existe um movimento que integra esses avanços a todas

as camadas de representatividade das demandas sociais. A educação por sua vez se coloca como uma dimensão social que ainda encontra dificuldades em acompanhar o ritmo acelerado desta nova representação. Observamos que as novas tecnologias ainda são utilizadas de forma insipiente no ambiente escolar.

Assim, conseguimos identificar que os desafios inerentes à inserção e apropriação das novas ferramentas tecnológicas no ambiente escolar referem-se à estrutura física e curricular da escola, à formação de professores, à implementação de dispositivos jurídicos educacionais e a emergência de direcionamentos pedagógicos quanto ao uso das novas tecnologias.

Apontamos na pesquisa que os alunos constroem seu perfil social pautado, em certa medida, na utilização destas ferramentas sem um direcionamento pedagógico, o que acaba por desenvolver comportamentos e patologias que superam as competências escolares e sugerem a atuação de profissionais com outras capacitações. Identificamos que a utilização dos telefones móveis por meio das redes acionadas por intermédio da *internet* influencia efetivamente na construção da personalidade dos alunos e alunas que ao terem acesso aos *perfis* visitados nas redes tecnológicas, o sujeito passa a ter o seu estado de maturação social domesticado por outros sujeitos virtuais, interferindo em sua construção psicossocial, que, muitas vezes promovem a adoção de distúrbios mentais.

Desta forma, sinalizamos a necessidade de formação continuada não só para professores, mas para o quadro de funcionários que integram o ambiente e interagem diariamente com os alunos e as alunas, os quais possam promover diálogos, debates coletivos, acompanhamento pessoal que possibilite uma maior sensibilidade junto ao estudante, estabelecendo parâmetros para utilização destas TIC.

Assim, é preciso ter clareza que os desafios que se tem pela frente são amplos, mas as TIC representam uma efetiva oportunidade, tanto para refletir a respeito da gestão e da estrutura escolar, quanto para desencadear mudanças consequentes na instituição, avançando na direção dos objetivos que frequentam apenas os “discursos” da maioria dos educadores. Porém, isoladamente, as tecnologias não podem gerar mudanças. Sua inserção no cotidiano da escola exige a formação contextualizada de todos os profissionais envolvidos, de forma que sejam capazes de identificar os problemas e as necessidades institucionais, relacionadas ao seu uso.

Ainda pode-se destacar que as novas tecnologias na perspectiva educacional não são gerenciadas pelo Estado de maneira eficaz de modo a contemplar as demandas físicas e estruturais dos ambientes e a formação continuada dos docentes. É importante que se discuta as demandas da escola e direcionem até aos órgãos competentes. No mais, elaborar e socializar formações que sejam pautadas em experiências já realizadas em outros ambientes; e, que desmistifiquem o gesso tradicional do ensino e mostrem a produtividade conquistada com a direção correta dos novos instrumentos tecnológicos em sala de aula e demais espaços do estabelecimento de ensino pode avançar a discussão.

Assim, não buscamos esgotar este debate, mas, provocar reflexões e sinalizar caminhos que podem ser percorridos por outras pesquisas que se debruçam sobre esta temática.

Referências

ALVES, Taíses Araújo da Silva. **Tecnologias de Informação e Comunicação (TIC) nas Escolas: da idealização a realidade**. 1999. Dissertação (Mestrado em Ciências da Educação) – Faculdade de Educação - Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias Instituto de Ciências da Educação, Lisboa, 2009. Disponível em: <https://recil.ensinolusofona.pt/handle/10437/1156>. Acesso em: 04 de mai. 2021.

ASSMANN, Hugo. **Reencantar a educação: rumo a sociedade aprendente**. 12ªed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2012.

COLÉGIO S.F.X. **EEEFM SFX**, 2013. Disponível em: <http://www.csfx.org.br/historico.html>. Acesso em 20 de junho de 2019.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia: Saberes necessários à prática educativa/** São Paulo: Paz e Terra, 1996.

GARCIA, E. G. Veiga, E.C. e. **Psicopedagogia e a teoria modular da mente.** São José dos Campos: Pulso. 2006.

HOBBSAWM, E. J. **A era das revoluções: 1789-1848.** São Paulo: Ed. Paz e Terra, 2010.

KENSKI, V. M. **Educação e tecnologias: o novo ritmo da informação.** Campinas: Papirus, 2008.
LÉVY, P. **Cibercultura.** São Paulo: Editora 34, 1999.

LÉVY, P. **The next platform.** In: LÉVY, P. Pierre Lévy Blog. [S. l.], 6 out. 2017. Disponível em: <https://pierrelevyblog.com/tag/collective-intelligence/>. Acesso em: 19 ago. 2021.

NÓVOA, Antonio. Profissão professor. NÓVOA, A. (org.). **Profissão professor.** 2 ed. Porto: Porto Editora, 1999.

MORAN, José Manuel. As novas tecnologias pedagógicas. Campinas, São Paulo: Papirus, 2000.
PAPERT, Seymour. **Logo: computadores e educação.** São Paulo: Brasiliense, 1985.

TAVARES, JR. F.; SCOTON, R. Educação, Mídias E Tic: Reflexões Sobre O Papel Docente. **Revista Inter Ação**, v. 39, n. 3, p. 493-510, 2014. Disponível em: <https://www.revistas.ufg.br/interacao/article/view/28441>. Acesso em: 19 de ago. 2021.

YIN, Robert K. **Estudo de Caso, planejamento e métodos.** 2.ed. São Paulo: Bookman, 2001.

Recebido em: 02 de dezembro de 2021.

Aceito em: 16 de dezembro de 2021